
Trajétoria de mulheres migrantes da/na Amazônia: processo de deslocamentos, inserção e relações de gênero (cidade de Boa Vista - 1990 a 2000)

Trajectory of migrant women from/in the Amazon: process of displacement, insertion and gender relations (city of Boa Vista - 1990 to 2000)

Jaqueline Pereira Oliveira¹

¹ Universidade Estadual de Roraima, Brasil, Email: jackieliveira@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0470-4403>

ARTICLE INFO

Article history:

Received 2021-06-30

Accepted 2021-08-02

Available online 2021-08-02

Palavras-chave: Mulheres Migrantes. Deslocamentos. Gênero. Amazônia.

Keywords: Migrant Women. Displacements. Gender. Amazon.

RESUMO. O presente trabalho analisou as experiências migratórias de três mulheres de diferentes localidades da Amazônia que se deslocaram sozinhas para a cidade de Boa Vista (RR) entre 1990 a 2000. Neste artigo, buscou compreender como ocorreram os processos de deslocamentos da cidade de origem à cidade Boa Vista, particularmente as relações de gênero com a finalidade de garantir a visibilidade enquanto protagonistas de suas trajetórias. Para isso, utilizou a metodologia história oral por meio de entrevistas semi estruturadas, abordando desde o cotidiano na cidade de origem ou local de referência, passando pelo processo de deslocamento, até a inserção/chegada à Boa Vista e as relações de gênero de três mulheres brasileiras, nortistas e migrantes, sendo o local de origem/referência Manaus (AM), Belém (PA) e Laranjal do Jari (AP).

ABSTRACT. This article analyzed the migratory experiences of three women from different locations in the Amazon who moved alone to the city of Boa Vista (RR) between 1990 and 2000. In this article, we sought to understand how the processes of displacement from the city of origin to the city occurred. Boa Vista, particularly gender relations in order to ensure visibility as protagonists of their trajectories. For this, the oral history methodology was used through semi-structured interviews, covering everything from the daily life in the city of origin or place of reference, through the displacement process, to the insertion/arrival in Boa Vista and the gender relations of three women Brazilians, northerners and migrants, with the place of origin/reference being Manaus (AM), Belém (PA) and Laranjal do Jari (AP).

1. Introdução

A migração sempre esteve presente no mundo, entretanto, em de uma perspectiva patriarcal, esteve relacionada ao homem, não quer dizer que as mulheres não migravam, mas que não eram mensuradas. Conforme Maria Bassanezi (2014, p. 84), as migrantes que têm como destino o Brasil, estão presentes na historiografia desde o período colonial, contudo, somente no final do século XIX é que “tornam-se visíveis”. É claro que houve muitas oscilações do quantitativo de migrantes, especialmente no século XX, mas com a globalização, esse fluxo aumenta também, fomentado pelos novos espaços ocupados pelas mulheres.

A Amazônia torna-se um destino para os migrantes, após as políticas convidativas para a incrementação da economia da Borracha. A transformação do Território em Estado de Roraima, com um terreno de obras constantes, atraiu migrantes, principalmente de regiões adjacentes, como da região Nordeste e do próprio Norte. É importante reforçar que houve uma grande quantidade de núcleos familiares, homens sozinhos e também mulheres como protagonistas das migrações.

Este artigo tem como objetivo proporcionar a discussão a partir da trata da trajetória de três mulheres migrantes da/na Amazônia procura compreender o processo de deslocamentos, a inserção e as relações de gênero na cidade de Boa Vista no período de 1990 a 2000. A decisão de migrar, a escolha da cidade de Boa Vista, no sentido de evidenciar as redes, a migração e o estágio de inserção. E ainda compreendendo a partir da perspectiva de ser mulheres migrando sozinhas em busca de novas possibilidades e desafios. A história oral também é discutida como a contribuição para o processo de visibilidade principalmente das mulheres, mas não somente delas e, como as narrativas provocam a ampliação de novos sujeitos passivos de fontes para a problematização, tanto das novas abordagens históricas como das já existentes.

A metodologia da história oral, por ser uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas não-diretivas com o apoio de um roteiro com perguntas semiabertas e divididas em: 1) identificação, que consta de informações mais diretas como o nome, local em que reside atualmente, profissão/ocupação atual e no local de origem, grau de instrução, data de nascimento e outros; 2) processo de deslocamento, no qual as perguntas são mais abertas a respeito do cotidiano da cidade de origem, evidenciando as relações sociais, familiares, profissionais, os motivos da migração, sobretudo, a escolha do destino - isto é, Boa Vista -, das semelhanças e diferenças entre as cidades, discriminações enquanto mulher migrando sozinha; 3) inserção profissional, quando chegou a Boa Vista quem a ajudou na saída e na chegada (redes), primeiro emprego ou local de estudo; 4) por fim, o espaço aberto para que a entrevistada possa agregar mais alguma informação que queira compartilhar

Os desafios a que as mulheres migrantes estiveram sujeitas são análogos a cada uma e quais são diferentes diante da historicidade de cada uma. A trajetória das mulheres aqui é analisada a partir das categorias que compõem a identidade de gênero, ou seja, conhecer as vivências de cada um dentro dos grupos sociais pertencentes.

Será analisada a trajetória de três mulheres migrantes da própria Região Amazônica: a amapaense Maria José, de Laranjal do Jari (AP); a paraense Roseane Oliveira, de Belém (PA); e a amazonense Eliane Medeiros, de Manaus (AM).

2. Tecendo possibilidades de história das mulheres na Amazônia

Os espaços que não apontavam de forma explícita a presença das mulheres estavam relacionados com o registro em documentos, nesse sentido, aparentemente, não participaram dos acontecimentos da história. Um dos desafios das pesquisadoras feministas - e simpatizantes - é problematizar a participação das mulheres e quais as relações de poder estavam em seu cotidiano, garantindo a visibilidade dessas mulheres.

A autora Cristina Wolf apresenta a problemática principal ao início da discussão sobre a invisibilidade de mulheres na história da Amazônia, com a questão de pessoas que estão no lado externo tomarem uma história comum em todos os contextos sociais. Com o foco sobre o *boom* da borracha, Wolff (2011, p. 24) observa que a historiografia da Amazônia é apresentada sem a presença das mulheres da sociedade e que assim, abre margem para que se pense que era composto apenas por homens.

É preciso estar atento às configurações de contexto, como, por exemplo, somente as mulheres brancas eram consideradas mulheres e como só apareciam "camufladas" aos viajantes, "as mulheres não eram vistas nas ruas". Por isso, é preciso investigar e analisar além do que a fonte responde, ou seja, o que a fonte não responde.

Devido à crise da borracha, houve um incentivo a estreitar os laços entre seringueiros e mulheres para que pudessem fixá-los aos seringais, mas como Wolff bem apresenta, as atividades das mulheres iam além do que a literatura e a memória local a reservavam, elas cortavam seringas, caçavam e iam para a roça. Contudo, as mulheres ainda eram obrigadas a realizar atividades domésticas, e mesmo que as crianças ajudassem no que podiam, essa prática ainda estava relacionada à mulher.

Essa visibilidade às mulheres parte da interdisciplinaridade entre as Ciências Humanas e Sociais.

Mesmo diante das estruturas patriarcais, é possível identificar que as mulheres sempre desempenharam diferentes papéis, – mesmo que não sejam reconhecidas e ainda no espaço privado, elas estavam contribuindo com a sociedade à qual pertence.

Dessa forma, pensar a migração de mulheres sozinhas que se deslocaram de diferentes localidades da Amazônia para Boa Vista na década de 1990, é analisar sobre a inserção das mulheres em um novo contexto, compreendendo os reflexos da experiência migratória a partir das relações cotidianas, as relações familiares e de gênero, diante desse contexto a análise da transformação da cidade de Boa Vista nesse período.

Conforme Wolf (2011, p. 25) os livros de história não permitiam “uma brecha” às mulheres em suas narrativas, embora houvesse uma circulação nas ruas de mulheres afrodescendentes e indígenas, só as brancas correspondiam a mulheres e essas, por sua vez, não tinham acesso.

Nesse contexto, como discutido anteriormente, as políticas de povoamento da Amazônia não reconheciam as populações já existentes aqui. A história das mulheres parte da pré-existência no espaço social, com isso, esse estudo trata a historicidade às mulheres que se deslocaram dentro da Amazônia - tendo como destino final a cidade de Boa Vista - na década de 1990.

Na segunda metade do século XX, em Boa Vista, havia espaços para as mulheres em colunas de jornais, como a “Mulher/Mulher” do jornal Tribuna de Roraima, na década de 1980, que promovia o debate de questões femininas, a

partir da perspectiva do feminismo (SILVA, 2016, p. 61).

Esse era um espaço mais reservado às mulheres que constituíam a elite da sociedade roraimense na década de 1970, muitas delas mulheres migrantes, funcionárias públicas, professoras, esposas de militares, além das mulheres que compunham a sociedade tradicional local.

3. Visibilidades das mulheres migrantes

De acordo com Bassanezi (2013, p. 92) “Na migração, as mulheres estão sujeitas a enfrentar o isolamento, fato que pode ser inédito em suas vidas”. Isto é, até o andamento do processo de reconhecer-se na cidade, há o momento de isolar-se e isso acontece mesmo entre cidades, por mais semelhantes que sejam as redes, o cotidiano e locais de memória são distintos, é preciso adaptar-se à regionalidade e buscar o reconhecimento no espaço.

O deslocamento durante muito tempo esteve propriamente relacionado aos homens, não que as mulheres fossem proibidas, mas o registro da presença não era concretizado. No século XX, quando se torna mais comum a presença de mulheres migrantes nos espaços, ou seja, a feminização da migração devido aos espaços que as mulheres começam a ocupar mediante as ondas feministas da década de 1950. Portanto:

Migrar é coisa para homem, costuma-se dizer sem pensar, sem atentar para estatísticas, fotos, depoimentos, histórias de famílias. Sim, as migrantes têm uma história. Desde sempre elas têm migrado, frequentemente na companhia de familiares, amigos e conhecidos em busca de melhores condições de vida e trabalho; mas migram também sozinhas, não só à procura de emprego, mas de independência, de casamento, ou até para fugir de discriminações e violências (BASSANEZI, 20212, p. 84).

O ato de “migrar” por muito tempo era considerada uma prática masculina, como se mulheres não acompanhassem seus companheiros, portanto, eram englobadas pelo quesito “família”. A feminização da migração representa a garantia de visibilidade a essas mulheres, que tendem também a sentir saudades do local de origem, do cotidiano e dispõem de experiências, vivências e sofrem com as mudanças.

Dessa forma:

Elas não são mais somente aquelas que ficam, esperam ou seguem obedientes os passos de seus pais e maridos; elas já partem sozinhas ou em companhia de outras mulheres e, dessa forma, feminizam a migração, antes vista apenas como um processo masculino ou familiar (BASSANEZI, 2012, p.86).

Com a Universidade Federal de Roraima muitas mulheres deslocaram-se sozinhas com a finalidade de progredir na vida profissional, essas encorajadas pelas redes de amigos e noticiários. Contudo, não somente mulheres profissionais que estavam atrás de emprego, mas também mulheres procuravam qualificação na UFRR. Assim, além do deslocamento urbano/urbano, muitas mulheres também

seguiram o fluxo rural/urbano e urbano/rural, mesmo este último não sendo o foco desta pesquisa.

Nesse sentido, o quadro de funcionários da Universidade Federal de Roraima no ano de 1992 era composto por 77 docentes, dez assistentes e seis auxiliares de ensino. Do quantitativo total dos docentes, 31 pessoas são mulheres, o que corresponde a 40,79%. A Universidade Federal de Roraima surgiu simultaneamente com a instauração do Estado, embora esse plano caminhe desde o ano de 1985, sendo instituída apenas em 1989, e com o primeiro vestibular realizado em janeiro de 1990 (JESUS, 2016, p. 22).

Os espaços visíveis ocupados por mulheres na cidade boavistense estão relacionados a uma classe social, como apontado, são essas colunas em jornais impressos. Mesmo que pertencente à elite roraimense, as mulheres que debatiam nesses locais havia uma tendência a discussões sobre o protagonismo das mulheres, isto é, pautas de cunho feminista que destacavam a mulher e suas emergentes questões. No entanto, mesmo sendo uma iniciativa, o debate não alcançou outras mulheres presentes no Estado.

As características do tipo de migração estão atreladas aos períodos e os acontecimentos políticos do Território de Roraima, isto é, como o momento do “boom” dos garimpos que atraem diversas pessoas interessadas nesse ramo, assim como a busca por estabilidade profissional, com o surgimento de oportunidades de empregos como servidores públicos após a transição para o novo Estado. Entretanto, os tipos de migração não devem ser tratados como caixas fechadas que disponham de data de início e final, mas que, em um determinado momento, há períodos de maiores fluxos e, posteriormente, há a queda no quantitativo.

Pensar a formação da sociedade boavistense é olhar para o que é hoje fruto de migrações passadas, de pessoas que olharam com sonhos e possibilidades para esse local e por meio diferentes redes e deslocamentos

Segundo Sherna Gluck:

A história oral de mulheres é um encontro feminista, mesmo se a entrevistada não for ela própria uma feminista. É a criação de um novo tipo de material sobre mulheres; é a validação de experiências femininas; é a descoberta de nossas próprias raízes e o desenvolvimento de uma continuidade que nos tem sido negada nos relatos históricos tradicionais (GLUCK, 1991, p. 28).

A história oral das mulheres tem como reflexo a ampliação do cenário da pesquisa histórica, a partir da análise de fontes que envolvam espaços ocupados pelas mulheres, isto é, aqueles que envolvam a vida diária, atividades domésticas e a esfera privada. Com isso, o uso das fontes orais possibilita a escrita da história das mulheres, - no sentido plural e diverso de perfis -, evidente que - como discutido no primeiro capítulo -, não se tem como objetivo escrever uma nova história, segregada da dos homens, mas apenas uma história, garantindo a visibilidade de ambos nos processos.

Segundo Salvatici (2005, p. 30), a história oral de mulheres vai além das reflexões sobre as vertentes que tangem a história e a memória, na verdade, também consiste em expor como são construídas as relações sociais das mulheres, tendo como ponto de partida o direito à cidadania. Assim, como outras pesquisadoras, esse estudo tem como um dos objetivos, a visibilidade às

mulheres que migraram para a cidade de Boa Vista, enfrentando aquilo que Silva (2016, p. 69) caracteriza como desafios e possibilidades de deslocamento.

Trabalhar a metodologia da história oral a partir da abordagem de gênero é ir mais a frente do que tratá-la como uma categoria que influencia sobre uma única perspectiva de análise dentro de um sistema complexo de opressão (PASSARINI, 2011, p. 22), muitas vezes funciona apenas como alicerce a outras opressões. Nesse sentido, essa pesquisa busca analisar a mulher enquanto migrante e, no contorno, outras categorias que envolvem sua trajetória, seja enquanto mãe, solteira, casada, jovem, estudante e outros.

A metodologia utilizada neste estudo foi a partir de

4. Trajetória de mulheres migrantes da/na Amazônia

Ao historicizar a trajetória das mulheres, principalmente as migrantes, é respeitar a sua historicidade e o seu protagonismo mesmo diante dos desafios. Até a segunda metade do século XX, as mulheres (quando mencionadas) passavam como seres passivos ou tinham suas narrativas silenciadas, sem levar em consideração as grandes lutas e as suas vivências. Ao historicizar o cotidiano, as impressões, a trajetória de uma mulher é também garantir que as identidades, um período ou um local seja referenciado.

A professora Maria José, uma das entrevistadas, lembrou a forma como sua mãe comandava a casa, estabelecendo uma relação de poder ao qual ela estava acima dos filhos. Maria observou que, quando a sua mãe casou com um outro homem, não a reconheceu enquanto a figura “empoderada” que tinha, assim “passando a roupa dele [padrasto da Maria José] para sair com os primos para festa e eu achava um absurdo isso”. Há reconfiguração das relações de poder, ao que tudo indica, a figura masculina passa a ocupar um local acima da mãe de Maria, que passa a ocupar um local de submissão.

Para Maria José ser mulher jovem, migrante em deslocamento solo, gostar de festas, andar com muitas mulheres, ter o cabelo curto, solteira na capital roraimense soava a muitas pessoas como uma ameaça ao casamento e nisso, ela identificava a discriminação de gênero. Um outro reflexo foi com a sua mãe que de início não aceitou o seu deslocamento “A não ser que eu casasse”. A entrevistada Eliane Medeiros expõe a relação que tinha com sua mãe, uma mulher “muito controladora” ao estabelecer regras e normas sobre como uma mulher deveria se vestir, comportar e a sua aparência, justificando de forma ditatorial como “tem que ser assim e pronto acabou, que é melhor para você”. Nas raízes que garantem a manutenção do patriarcado está a cultura, a sociedade que tem o comportamento machista e misógino velado ou normalizado.

De acordo com Ana Maria Colling:

Os discursos produzem uma “verdade” sobre os sujeitos e sobre seus corpos quando sugerem o que vestir, o que usar, o que falar, como se comportar, etc. constituindo identidades. Esta produção de identidades pelos discursos, ao mesmo tempo que inspira liberdade, organiza práticas de disciplinamento e de controle (COLLING, 2014, p. 37).

A entrevistada Eliane relembra que o seu ex-companheiro, pai do seu filho mais velho, não a apoiava em seu sonho de continuar os estudos e trabalhar, argumentando que “quem vai ficar com o menino?”. A entrevistada Roseane Oliveira explicou sobre a decisão de deslocar-se “na frente” para Boa Vista ao invés da figura masculina ser o pioneiro. A paraense explica que seu companheiro, inicialmente, não concordou com a ideia, mas que depois compreendeu que era o melhor devido às complicações financeiras e econômicas.

De acordo com as migrantes, o assédio sexual ocorria no ambiente de trabalho, já em Boa Vista, com propostas ou comentários desconfortáveis a fim de reforçar estereótipos sobre a mulher, como exemplifica paraense Roseane Oliveira “eles perguntavam ‘paraense é mulher quente, você é quente mesmo?’ daí eu respondia ‘sou quente igual a uma pimenta, não mexa comigo não que aí que aí não tem frescor’ e embora eu levasse na brincadeira, percebia muitas piadinhas”.

Observa-se desafios e barreiras enfrentadas a partir do rompimento do papel de gênero tradicional, em que as duas resolvem seguir em frente e não continuar submissas. Colling (2014, p. 37) enfatiza que ao mesmo tempo que as amarras do patriarcado são desfeitas, é passível de que surjam novos mecanismos de controle e disciplina, isto é, a desconstrução dos papéis de gênero é uma discussão atemporal as sociedades, pois o patriarcado encontra novas ferramentas de opressão.

Segundo o que Ana Maria Colling afirma:

A subordinação das mulheres é um fenômeno transgeográfico e transcultural, que não desaparece nem com o desenvolvimento econômico nem com a legislação sobre a igualdade. As leis sobre a igualdade de tratamento não produzem, por si só, resultados iguais e justos, nem no plano individual, nem no coletivo. Por esse motivo, é necessário encontrar uma nova metáfora, que faculte a leitura diferente das relações sociais entre homens e mulheres (COLLING, 2014, p. 101).

O machismo e a misoginia sofrida pelas mulheres migrantes ocorrem tanto no local de referência ou origem quanto no local de chegada (cidade de Boa Vista), o que reforça que não é algo intrínseco à cidade. A paraense Roseane Oliveira relatou casos de assédio no ambiente de trabalho, mesmo diante um espaço que está exercendo sua profissão, ainda assim não desencoraja o assediador. O corpo das mulheres é tratado como algo público perante toda a sociedade e não pertencente às próprias.

A partir do século XX, as mulheres ocupam cada vez mais funções no espaço público, quando antes estavam limitadas aos espaços privados, e passam a trabalhar fora de casa. Contudo, apesar da grande conquista em poder trabalhar, as mulheres ainda enfrentam diversos desafios como as jornadas triplas que envolvem tarefas domésticas em suas casas e/ou cuidar dos filhos, além do trabalho profissional. Mesmo com a independência, as mulheres ainda passam por situações de assédio, machismo, misoginia em diversos ambientes e, quando abre o “leque de identidades”, ao depender da classe social, é somado a xenofobia, o racismo e a lgbtifobia.

5. Conclusão

Este estudo teve dois objetivos, sendo o primeiro a compreensão sobre a experiência do processo de deslocamento do migrante, dividido em três momentos, sendo: saída; chegada; inserção. Já o segundo é a análise das experiências cotidianas, relações familiares e de gênero que se deram no processo migratório. Problematizar a participação das mulheres na historiografia é proporcionar o debate sobre a (in)visibilidade e quando há inclusão de classe social, etnia, raça é pressionar para que seja integrada outros contextos.

Não há definição sobre o marco inicial da migração, levando em consideração que é uma alternativa a ser recorrida em diversos casos, como quando as pessoas são obrigadas a migrar por conflitos étnicos, perseguição política ou desastre ambiental. As sociedades patriarcais remetem que a migração pertence tradicionalmente ao gênero masculino, já que a mesma estava relacionada com a liberdade e com acesso a espaços públicos (ruas, estradas, cidades).

Na Região Norte, os deslocamentos tiveram incentivos significativos a partir da implementação dos Planos de Desenvolvimento Nacional, quando o objetivo dos militares era ocupar os espaços vazios na fronteira. O perfil dos deslocamentos para Boa Vista varia conforme o contexto temporal, contudo, destacando o período da migração entre o ano de 1990 a 2000, corresponde tanto a migrações de famílias como individuais e, ainda há a migração buscando a qualificação profissional e a oportunidade de tornar-se servidor(a) público(a) do Estado de Roraima, como no caso da amapaense Maria José e da paraense Roseane Oliveira - que dispunha de capital cultural -, respectivamente.

Como discutido anteriormente, não se deve tratar o perfil dos deslocamentos como ciclos fechados que possuem data de início e término, mas que há momentos mais intensos daquele perfil e momentos mais tênues. O que quer dizer que, a migração de famílias está presente desde o início dos deslocamentos para Boa Vista e que ainda persistem, a migração de mulheres e homens desacompanhados também e outros, como a migração com intuito apenas da qualificação profissional.

A transição para o Estado de Roraima contribui para a emergência de novos empregos diretos e indiretos, como o cunhado da professora Maria José que também migrou com a possibilidade de trabalhar como taxista. Assim como, a Universidade Federal de Roraima que com sua implantação contribuiu tanto para a possibilidade de novos empregos, como para a qualificação profissional com cursos de graduação. Conforme a narrativa das duas migrantes, Maria José e Roseane Oliveira, observavam a presença de muitos migrantes nos espaços que frequentavam em contraponto com o quantitativo de pessoas nativas.

Embora tenham sido trabalhados processos de deslocamento na região Amazônica, identificou-se que cada cidade possui suas especificidades devido à formação inicial. Nesse sentido, as cidades de Laranjal do Jari (AP), Belém (PA) e Manaus (AM) estão dentro do contexto da ditadura militar, entretanto, apresentam contextos diferentes que provocam a migração da Maria José, Roseane Oliveira e Eliane Medeiros para a cidade de Boa Vista. Assim, as entrevistas possibilitam a análise dos momentos, e ainda como roupagem de fundo, identificar semelhanças e diferenças entre as trajetórias no âmbito das relações de gênero, cotidianas e familiares.

As trajetórias apresentam tanto diferentes quanto semelhantes aspectos

entre o local de origem/referência e o local de destino, a exemplo disso, são as relações de gênero, como apontam as migrantes. Situações de assédio sexual, discriminação por gênero e machismo estão presentes nas narrativas das migrantes, nesse sentido, mesmo que sejam mulheres em diferentes condições socioeconômicas, os modelos de comportamento patriarcais continuam seguindo-as, comprovando mais uma vez, que o gênero está relacionado com os padrões sobre forma comportamental que devem se estabelecer as interações sociais.

Sob o processo de ocupação do Território Federal de Roraima é discutido polarizado entre uma estratégia que não necessitaria a presença de migrantes e a outra que, ao contrário, olha para a migração como uma boa forma de ocupação do espaço. A paraense Roseane Oliveira relatou casos de xenofobia em suas primeiras vivências na cidade boavistense, presenciou discursos sobre “os migrantes estarem roubando o espaço dos roraimenses”.

Ao pensar que todo o território brasileiro foi formado sobre migrações em contexto nacional e internacional, fundamenta-se que todos os espaços possuem pessoas que se deslocaram com diversos objetivos, quer dizer, todos têm uma história de migração nas vivências da descendência/família. Nesse sentido, o Estado de Roraima é formado por um quantitativo considerado de migrantes comparado com os nativos, dessa forma, com deslocamentos não somente do Norte, Nordeste, mas de todas as regiões do Brasil. Com isso, Roraima não deixou de receber pessoas, ao contrário, ampliando as características dos migrantes, como a partir de 2016, passou a receber um maior fluxo de venezuelanos devido à crise econômica e política daquele país.

Além da discriminação por gênero, a xenofobia é outro preconceito sofrido por uma das entrevistadas, com discursos sobre a ocupação de lugares. Nesse sentido, se olharmos para o nível socioeconômico e grau de instrução da sociedade do Estado de Roraima, havia a necessidade de mais pessoas para a ocupação de vagas, visto que antes da UFRR, pessoas que desejam continuar seus estudos em nível superior deveriam procurar em outras unidades federativas. Assim, não é que as pessoas tomavam as vagas, a ocupação pela própria população local não era efetiva. O que se trata aqui é da ocupação de empregos e oportunidades e não densidade demográfica.

A memória não é referida somente aos acontecimentos ou situações vivenciadas, mas está relacionada com sabores, cheiros, hábitos e muitos outros aspectos. Maria José fala sobre a falta que sente dos alimentos que possui em casa, que a ausência do sabor do natural, visto que a sua família dispunha da cultura da agricultura e, em suas narrativas aborda a abundância de alimentos cultivados. Enquanto que a Roseane Oliveira expõe a dificuldade de desvencilhamento o “fazer comida para muita gente, em grande quantidade”, mostrando a saudade de casa, como dos almoços em família.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, F. L. N. **Biografia e Gênero**. In: Cezar Augusto Barcelos Guazzelli; Silvia Regina Ferraz Petersen; Benito Bisso Schmidt; Regina Célia Lima Xavier. (Org.). *Questões de teoria e metodologia da História*. 1ed. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2000, v., p. 131-146.
- BASSANEZI, Maria Silvia. *Mulheres que vêm, mulheres que vão*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

JESUS, Maria Alencar de. **História e memórias da Universidade Federal de Roraima no início da década de 1990: postura da gestão administrativa frente às reivindicações dos primeiros trabalhadores em educação**. Boa Vista, 2016.

PASSERINI, Luiza. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SALVATICI, Silvia. “**Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres**”. In: História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral, v.8, n1, jan-jun. 2005. - São Paulo: Associação Brasileira de História Oral.

SILVA, Raimunda Gomes da. **Deslocamentos, Sonhos, Desafios e Identidades: Experiências de Mulheres Nordestinas em Boa Vista/Roraima (1985 - 2000)**. Tese (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2016

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta**: outras tantas histórias. Revista Estudos Amazônicos. Vol. VI, nº1, pp.21-40, 2011.